



SISLUQUI – Sistema Ludoétnico Quilombola: uma prática pedagógica decolonial e insurgente nas infâncias quilombolas do Monte Recôncavo

Flavia Querino da Silva, Emily Alves Cruz Moy

Secretaria Municipal de Educação de São Francisco do Conde

flaviaquerino4@gmail.com

TRABALHOS COMPLETOS - GT 01 – Etnicidade, Memória e Educação

RESUMO

O presente artigo apresenta o *Sistema Ludoétnico Quilombola* (SISLUQUI) como uma proposta pedagógica de base decolonial e antirracista, desenvolvida na Escola Municipal Duque de Caxias, localizada na Comunidade Quilombola do Monte Recôncavo, em São Francisco do Conde (BA), com estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental. O projeto integra as ações do Núcleo de Diálogos Educacionais, Ludoétnicos, Quilombolas e Indígenas (NUDELQI) e propõe a valorização da cultura, dos saberes locais e da ludoetnicidade como ferramentas de emancipação. Fundamentado em perspectivas teóricas afrocentradas e decoloniais, o SISLUQUI promove práticas pedagógicas que reconhecem a ancestralidade como eixo epistemológico e formativo. A metodologia adotada é a pesquisa-ação de caráter etnográfico, com oficinas que geraram produções simbólicas e coletivas, como o *Sistema de Numeração Quilombola* (SISNUQUI) e o *Sistema Monetário Quilombola do Monte Recôncavo* (SISMONQUI). Os resultados apontam para a afirmação identitária das infâncias quilombolas e a efetivação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, ao mesmo tempo em que revelam o brincar como prática de resistência e reinvenção do currículo escolar.

Palavras-chave: Decolonialidade; Educação quilombola; Ludoetnicidade.

Submetido em: 13/10/2025 | **Aceito em:** 10/11/2024

Introdução

O Sistema Ludoétnico Quilombola (SISLUQUI) emerge como uma proposta de educação libertadora, decolonial e antirracista, concebida e desenvolvida na Escola Duque de Caxias, situada na Comunidade Quilombola do Monte Recôncavo, em São Francisco do Conde (BA). A experiência integra o conjunto de ações do Núcleo de Diálogos Educacionais, Ludoétnicos, Quilombolas e Indígenas (NUDELQI), articulando práticas educativas que valorizam as epistemologias africanas e afro-brasileiras, reconhecendo a ludicidade como dimensão central na formação das infâncias quilombolas.



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraais da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



Segundo Nilma Lino Gomes (2017), o reconhecimento das identidades negras e quilombolas no espaço escolar constitui um movimento político e pedagógico de resistência à colonialidade do poder e do saber. Nessa perspectiva, o SISLUQUI nasce do desejo de construir um currículo insurgente, em que o território, o corpo e a ancestralidade se tornem elementos pedagógicos fundamentais. Assim, o projeto se configura como uma estratégia decolonial de ensino, ao deslocar a centralidade da matemática eurocêntrica e abrir espaço para que os estudantes produzam sistemas de representação próprios, fundamentados em referências culturais quilombolas.

O presente estudo propõe o desenvolvimento de práticas pedagógicas decoloniais que valorizem a cultura quilombola e reconheçam o saber ancestral como fundamento de processos educativos emancipatórios. Busca-se, dessa forma, estimular a criatividade e a produção ludoétnica entre os estudantes, compreendendo o brincar, o criar e o narrar como dimensões constitutivas do conhecimento e da identidade. A partir dessa perspectiva, o projeto fundamenta-se na construção coletiva de sistemas simbólicos — como os sistemas de numeração, monetário, textual e lúdico — concebidos enquanto expressões culturais e cognitivas das comunidades quilombolas. Tais ações visam, ainda, promover a reflexão crítica sobre a diversidade cultural e o combate ao racismo, contribuindo para a efetivação de uma educação antirracista e decolonial comprometida com a valorização das matrizes africanas e afro-brasileiras no espaço escolar.

A noção de ludoetnicidade (conceito autoral) nasce da articulação entre ludicidade e etnicidade, compreendendo o brincar como expressão de saberes culturais e identitários. Inspirada em Barth (2011), entende-se a etnicidade como um processo relacional e dinâmico, no qual fronteiras culturais são constantemente negociadas e reconstruídas. Ao incorporar elementos lúdicos às práticas pedagógicas, a ludoetnicidade se configura como instrumento de resistência e reconhecimento cultural. O projeto atua, portanto, na confluência entre o lúdico



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequié Zumba : Cantinho do Griô



e o étnico, ressignificando os modos de aprender e ensinar. Ao propor sistemas simbólicos criados pelas próprias crianças — como o Sistema de Numeração Quilombola (SISNUQUI) e o Sistema Monetário Quilombola (SISMONQUI) —, o SISLUQUI transforma a sala de aula em espaço de criação coletiva, autonomia e pertencimento.

Boaventura de Sousa Santos (2009, 2010) contribui para essa reflexão ao propor as epistemologias do Sul e a ecologia de saberes, que defendem o reconhecimento e a valorização de sistemas de conhecimento historicamente subalternizados. No campo educacional, isso implica legitimar os saberes quilombolas como produtores de ciência, desafiando as hierarquias impostas pela racionalidade ocidental moderna. Já Nilma Lino Gomes (2017, 2021) destaca que a educação das relações étnico-raciais deve ser compreendida como campo de luta antirracista e prática pedagógica decolonial. Para a autora, a escola precisa ser um espaço de afirmação da diversidade, em que o protagonismo negro se reconhece como fundamento de uma educação crítica e emancipatória.

Nesse contexto, o SISLUQUI revela-se como prática educativa que reafirma o valor da ancestralidade e da diversidade cultural, fortalecendo a autoestima das crianças quilombolas e evidenciando a riqueza dos conhecimentos produzidos no território. Ao mesmo tempo, contribui para a implementação efetiva das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, que instituem a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nas escolas brasileiras. Assim, o projeto consolida-se como experiência decolonial e formativa, que integra o campo do saber ao campo da vida, promovendo uma pedagogia de resistência, identidade e emancipação.

Metodologia/Método

A pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa (MINAYO, 2001) e adota a abordagem etnográfica (ANGROSINO, 2009), fundamentada na observação participante e na escuta sensível das crianças. O estudo está sendo



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequié Zumba : Cantinho do Griô



desenvolvido na Escola Duque de Caxias, situada no distrito quilombola do Monte Recôncavo, em São Francisco do Conde – BA. Participam da experiência 15 estudantes do 4º ano B do Ensino Fundamental, sob a orientação da professora regente.

As atividades foram estruturadas a partir de oficinas lúdicas e colaborativas, configurando uma metodologia participativa, lúdica e etnográfica. Nessas oficinas, as crianças foram convidadas a criar símbolos, signos e representações numéricas inspiradas em elementos da vida comunitária quilombola, como a pesca, a agricultura, os festejos e a religiosidade. Cada etapa do processo valorizou a oralidade, a observação e o registro das práticas culturais locais, contemplando a coleta de narrativas orais, produções gráficas e registros escritos dos estudantes.

O percurso metodológico ancora-se também nos princípios da pesquisa-formação em contexto comunitário, que reconhece os saberes locais como ponto de partida para a construção do conhecimento escolar e para a produção de práticas pedagógicas de base decolonial e antirracista.

As ações pedagógicas foram organizadas nas seguintes etapas:

1. **Sistema de Numeração Quilombola (SISNUQUI):** estudo de sistemas de numeração maia, egípcio e romano, seguido da criação de um sistema próprio, com símbolos inspirados na cultura local e no cotidiano da comunidade quilombola.
2. **Sistema Monetário Quilombola do Monte Recôncavo (SISMONQUI-MR):** pesquisa sobre o Sistema Monetário Brasileiro e criação da moeda *Dinquimor* (Dinheiro Quilombola do Monte Recôncavo), com valores, cédulas e cartões coletivos representando elementos simbólicos do território.
3. **Oficinas textuais e jogos ludoétnicos:** elaboração de jogos de memória, cruzadinhas, caça-palavras e narrativas que articulam língua, cultura e ludicidade quilombola.



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



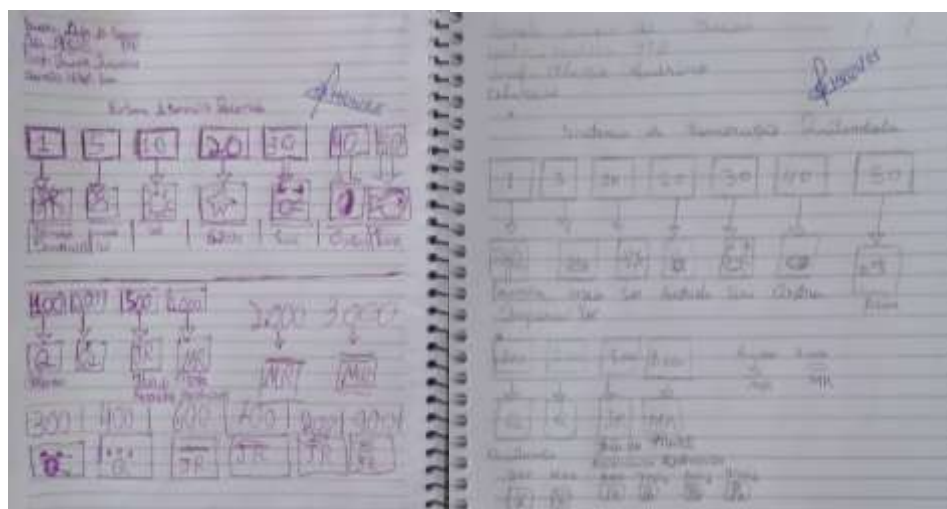
4. **Culminância** no Mês da Consciência Negra, com socialização dos resultados e exposição das produções à comunidade escolar e quilombola, por meio do Jornal Travessias Quilombolas.

O percurso metodológico é orientado pelos princípios da **educação decolonial**, compreendida como processo de escuta, partilha e coautoria (GOMES, 2019). A observação participante, os registros reflexivos e as interações entre escola e comunidade constituíram o corpo empírico da pesquisa.

Resultados e Discussões

Os resultados evidenciam o impacto significativo da abordagem ludoétnica no desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da autoestima das crianças quilombolas. Ao se reconhecerem nos símbolos criados — números, moedas, jogos e narrativas —, os estudantes não apenas reafirmam sua identidade, mas também ampliam seu repertório cultural e cognitivo, consolidando vínculos afetivos com seu contexto comunitário.

O SISNUQUI configurou-se como um sistema simbólico de representação numérica, no qual os números foram ressignificados a partir de referências culturais quilombolas (imagens de atividade de produções ludoétnicas de estudantes). Durante o processo de construção coletiva, os estudantes demonstraram engajamento e criatividade, atribuindo a cada numeral um símbolo inspirado em elementos identitários locais, tais como a palmeira imperial, o siri, a ostra e o peixe.



Fonte: Acervo fotográfico Autoral

Essas produções ludoétnicas refletem uma forte identificação com a comunidade e possibilitam o desenvolvimento simultâneo de competências matemáticas, linguísticas e artísticas, estabelecendo um diálogo intrínseco com a cultura quilombola.



Fonte: Acervo fotográfico Autoral

A experiência permitiu que os estudantes percebessem a matemática como uma linguagem cultural, e não apenas como uma abstração formal, conforme imagem abaixo, os estudantes estavam criando operações matemáticas com os símbolos do SISNUQUI. Além disso, promoveu autoestima e senso de pertencimento, ao legitimar suas vivências e memórias no espaço escolar, consolidando a valorização de saberes historicamente marginalizados.

À luz da teoria de Santos (2010), o SISNUQUI representa uma prática de ecologia de saberes, em que a matemática eurocêntrica é reconhecida, mas colocada em diálogo com epistemologias quilombolas, gerando interações produtivas entre diferentes formas de conhecimento.



Fonte: Acervo fotográfico Autoral

De acordo com Gomes (2017), trata-se de uma prática antirracista, pois evidencia o protagonismo negro na produção de saberes, enquanto Arruti (2006) ressalta seu papel no fortalecimento dos processos de etnicidade e pertencimento que sustentam a coletividade quilombola.

A criação do SISMONQUI transcendeu a dimensão lúdica, configurando-se como um movimento de valorização cultural, fortalecimento da identidade coletiva e prática pedagógica decolonial. A experiência possibilitou que os estudantes compreendessem criticamente o sistema monetário vigente e, simultaneamente, construíssem uma alternativa simbólica própria, enraizada em sua realidade comunitária.





XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

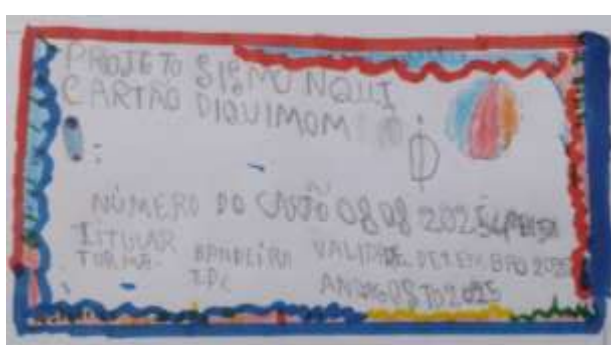
V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



Fonte: Acervo fotográfico Autoral

O resultado material — cédulas e cartões (produções nas imagens) — revela a constituição de um patrimônio imaterial em formação, evidenciando a potência da ludicidade como estratégia decolonial. Ademais, a vivência coletiva reforçou vínculos comunitários e estimulou reflexões acerca de racismo, identidade e resistência, confirmando que a escola pode operar como um espaço de invenção e reconstrução de saberes plurais.



Fonte: Acervo fotográfico Autoral

Essa experiência ilustra o conceito de tradução intercultural proposto por Boaventura de Sousa Santos (2018), caracterizado como um processo de diálogo entre diferentes saberes que permite a convivência sem hierarquia entre conhecimento científico e popular. Nesse sentido, o SISLUQUI constitui um espaço de produção de saberes fronteiriços, em que o lúdico se estabelece como linguagem decolonial e ferramenta de insurgência pedagógica.

Os resultados parciais indicam que o projeto contribui efetivamente para a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, não apenas como exigência curricular, mas como prática viva e transformadora. As oficinas e exposições realizadas mobilizaram toda a comunidade escolar, fortalecendo laços intergeracionais e ampliando a percepção sobre a relevância da cultura quilombola.

Em consonância com bell hooks (2017), o projeto demonstra que a educação libertadora se constrói a partir do afeto, do diálogo e da transgressão



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraais da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



das fronteiras impostas pela colonialidade. Nesse contexto, o brincar emerge como um gesto de insurgência: por meio do jogo e da criação simbólica, as infâncias quilombolas afirmam sua existência, reinventam o currículo e consolidam práticas pedagógicas que promovem justiça epistêmica e reconhecimento cultural.

Conclusões

O Sistema Ludoétnico Quilombola (SISLUQUI) constitui-se como uma prática pedagógica insurgente, que une ludicidade, ancestralidade e decolonialidade em um mesmo gesto educativo. Mais do que uma metodologia, o SISLUQUI se apresenta como um movimento político e epistemológico que reposiciona as infâncias quilombolas no centro do processo educativo, reafirmando o poder transformador da escola quilombola quando está se reconhece como espaço de produção de saberes e de valorização da identidade negra. Ao afirmar a ludoetnicidade como categoria decolonial, o projeto resgata memórias, ativa pertencimentos e amplia horizontes de humanidade, mostrando que a escola pode ser espaço de resistência, criação e afirmação cultural.

Tanto o SISNUQUI quanto o SISMONQUI, como desdobramentos do SISLUQUI, proporcionaram às crianças a oportunidade de se reconhecerem em símbolos e narrativas próprias, fortalecendo a autoestima e o sentimento de pertencimento, ao mesmo tempo em que ampliam repertórios culturais e cognitivos. No SISNUQUI, a resignificação de números e operações matemáticas estimulou o pensamento lógico e a criatividade, enquanto no SISMONQUI a manipulação de moedas e cédulas aproximou conceitos de economia e valores monetários da realidade cotidiana das crianças. Apesar das diferenças de enfoque, ambos os sistemas compartilham a proposta de integrar o lúdico e o simbólico, tornando o aprendizado significativo, culturalmente situado e conectado à vivência quilombola.



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraais da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



As experiências revelam ainda como a educação ludoétnica funciona como prática decolonial, oferecendo caminhos pedagógicos que se distanciam de modelos eurocêntricos e valorizam epistemologias afro-brasileiras. O SISNUQUI e o SISMONQUI se complementam: enquanto um organiza e interpreta o universo numérico, o outro operacionaliza esses conceitos em experiências práticas e sociais, configurando-se como sistemas simbólicos interligados que conectam matemática, cultura e cotidiano. Essa integração evidencia que a escola pode unir diversidade, ludicidade e aprendizagem, produzindo conhecimento e fortalecendo a memória coletiva das comunidades quilombolas.

Enquanto parte do projeto NUDELQI, a experiência mostra que práticas pedagógicas ludoétnicas contribuem para a formação integral dos estudantes, promovendo não apenas aprendizagens cognitivas, mas também o fortalecimento da identidade e dos direitos culturais quilombolas. A vivência na Escola Duque de Caxias, no distrito quilombola do Monte Recôncavo demonstra que a educação pública pode ser quilombola, criativa e libertadora — basta que o território e seus saberes sejam reconhecidos como fonte de conhecimento, dignidade e pertencimento. O SISLUQUI, assim, se consolida como prática pedagógica inovadora, decolonial e antirracista, ampliando horizontes para uma educação comprometida com os direitos humanos, a diversidade e as epistemologias do Sul.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARRUTI, José Maurício. *Etnicidade e cultura: um ensaio sobre as fronteiras étnicas*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n. 60, p. 49–68, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092006000100004>

ARRUTI, José Maurício. *Etnicidades*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092006000100003>



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequié Zumba : Cantinho do Griô



ARRUTI, José Maurício. Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru: Edusc, 2006.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2011.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Dispõe sobre a inclusão, no currículo oficial da rede de ensino, da história e cultura afro-brasileira. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da educação básica a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações étnico-raciais: reflexões e práticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2019.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Brincadeiras, jogos e ludicidade. Curitiba: CRV, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2010. p. 23-72.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 16. ed. Porto: Afrontamento, 2009.